

4^a Parte

Discursos

Dircurso de Saudação ao Acadêmico Mons. Manfredo Tomás Ramos

Pe. Francisco Sadoc de Araújo

Honrado e feliz desincumbo-me, pela segunda vez, da missão de receber ao seio desta Academia Cearense de Letras um novo sócio, que reintegra os seus quarenta membros, número simbólico que garante a imortalidade acadêmica.

A 22 de maio de 1985, por designação do saudoso ex-presidente Cláudio Martins, representei meus consócios na solenidade de posse de João Ribeiro Ramos, que então substituíra ao Padre Misael Gomes da Silva na cadeira de número 13.

Hoje, por incumbência do presidente Artur Eduardo Benevides, volto a falar, em nome desta Casa, para acolher Mons. Francisco Manfredo Tomás Ramos, que sucede a seu pai para ocupar a mesma cadeira. Com o mesmo afeto com que acolhi o pai, hoje acolho o filho, ambos amigos, ambos destinatários do meu preito de admiração.

Consultando-se os róis dos patronos dos sócios efetivos desta agremiação literária, na abrangência das chamadas três fases de sua existência mais que centenária, constata-se que o clero católico sempre se fez representar aqui, embora em pequeno número, mas de forma ininterrupta.

Na lista dos patronos figuram vultos veneráveis como Padre Ibiapina, Dom Jerônimo Tomé da Silva, sobralense dos mais ilustres no campo da imprensa e da oratória sagra, e teve por muitos anos como sócio ocupante o ilustrado mestre, padre Misael Gomes e, hoje, passa a ser assumida pelo consacerdote – o termo é agostiniano – Mons. Manfredo Ramos.

Ao assentar-se nessa cadeira, o recipiendário não chega de mãos vazias e nem de ombros aliviados, pois carrega consigo, para o recinto desta Casa, o peso de ser especialista na vasta e grandiosa obra de Agostinho, o santo da inteligência e um dos maiores

escritores da humanidade, cuja influência na formação do pensamento e da cultura ocidentais é indiscutivelmente capital.

Como todo gênio, que se caracteriza pela inventividade e pela criação do novo, Agostinho renovou a literatura mundial, principalmente ao produzir obras-primas, que fizeram nascer novos gêneros literários e abrir-se novos campos do saber.

As "*Confissões*" são o primeiro livro de autografia na história das letras universais; a "*Cidade de Deus*" é a obra que criou a filosofia e a teologia da história; o "*De Magistro*" é o tratado pioneiro sobre a Semântica e a "*Doctrina Christiana*" é o mais antigo compêndio pedagógico, que posteriormente forneceu até mesmo os primeiros dados para a criação das universidades européias.

Agostinho não ficou apenas por aí, mas também renovou o gênero epistolar, dando-lhe feição de arte literária e enriquecendo-lhe a forma e o conteúdo com nova roupagem e novos objetivos. Antes dele, é certo, grandes homens da literatura latina serviram-se das "cartas", para comunicar beleza à arte de escrever missivas. Nesse campo, ele teve ilustríssimos predecessores, como Cícero, Sêneca e Plínio, o moço. As "Cartas" ciceronianas são um monumento perene de literatura. As "Epístolas Morais a Lucílio" de Sêneca encantam pelo estilo cordial e pelas profundas reflexões filosóficas. Os dez livros das "Cartas" de Plínio ainda hoje são lidos e admirados pelos latinistas.

Agostinho não foi o criador da epistolografia, mas a utilizou de modo novo, tornando-a o principal meio de comunicação social do mundo antigo. No tempo em que não havia imprensa e nem agência de notícias, ele fez do epistolário um veículo de informações, um instrumento de transmissão de idéias e uma oportunidade para divulgação de doutrina.

Sua correspondência ativa e passiva, que conseguiu chegar a nós, consta de 270 epístolas, das quais umas são simples bilhetes e outras verdadeiros tratados sobre temas específicos, muitos as têm por livros.

Este valioso acervo é hoje um verdadeiro tesouro de informações sobre os costumes da época e sobre os acontecimentos dos séculos IV e V, quando floresceu o chamado PRIMEIRO Renascimento, o período áureo da literatura latina cristã.

O epistolário agostiniano, durante mais de quinze séculos, tem sido um verdadeiro banco de dados e inesgotável fonte de pesquisa para os estudiosos de todos os tempos e lugares.

Foi nesse manancial, inexaurível para quem sabe ler, que Mons. Manfredo foi buscar os dados necessários à elaboração de duas teses para obtenção de láureas Acadêmicas. A primeira de doutorado em Teologia, defendida na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma e publicada em São Paulo, no ano de 1966, sob o título de "Bens Temporais e Vida Cristã nas Epístolas de Santo Agostinho". A segunda, de doutorado em Filosofia, defendida na mesma Universidade, sob o título "A idéia de Estado na Doutrina Ético-política de Santo Agostinho" – um estudo comparado com o "De Civitate Dei", aprovada com a mais alta distinção e publicada em 1984 pela Edições Loyola, de São Paulo.

Esta última dissertação, mais madura e profunda do que a anterior, recebeu elogiosa apresentação do notável filósofo Henrique de Lima Vaz, que assim se expressou: *"Estamos diante de uma obra que eleva a pesquisa histórica e filosófica-teológica entre nós à altura dos padrões mais exigentes de seriedade e rigor. Mas, não é apenas o interesse histórico que valoriza o estudo do Dr. Francisco Manfredo. Dele se desprende uma lição de filosofia política da mais patente atualidade"*.

Estes dois trabalhos, de indiscutível valor científico-literário, vieram coroar os muitos anos de meticulosa pesquisa e fatigante labor intelectual do autor, de que eu mesmo fui testemunha ocular quando o tive por companheiro de residência no Colégio Pio Brasileiro e como colega de estudo na Universidade Gregoriana de Roma. Fomos inclusive companheiros de férias em uma casa de repouso junto ao Lago de Bracciano, onde estivemos alojados para restaurar as forças físicas desgastadas pelo intenso esforço mental desenvolvido nas atividades universitárias. Mons. Manfredo tem a seu favor toda uma vida dedicada ao estudo, aos livros, aos labores do espírito e aos vôos da inteligência, conforme revela sobejamente sua rica e invejável biografia.

Na cidade de Acaraú nasceu cercado de poesia, não só porque envolto nas suaves brisas praianas da terra natal, mas também porque procedia de mãe poetisa e tinha como vizinho o tio

padre Antônio Tomás, nosso melhor sonetista, em cuja casa compunha versos melódiosos e arranjava acordes harmoniosos, dedicados com maestria nas cordas da lira de Orfeu. Entre os gemidos do mar e os cantos do tio poeta, Manfredo veio à luz do dia no dia 2 de janeiro de 1934.

Seu pai, farmacêutico de profissão e escritor de vocação, sempre lhe soube aviar o remédio adequado ao desenvolvimento do corpo e lhe proporcionar o ensinamento propício à formação do espírito.

O Admirável casal, João Ribeiro Ramos e Dinorá Tomás Ramos, recebia com alegria cada um dos dez filhos como presentes de Deus. Enquanto a prole crescia, paralelamente aumentava a preocupação com a educação dos rebentos, por isso em 1938 a família resolveu se transferir para Sobral, onde havia melhores condições de ensino.

Terminados os estudos secundários no Ginásio Sobralense e depois no Colégio Cearense de Fortaleza, o jovem Manfredo, sentindo vocação para o sacerdócio, matriculou-se em 1949 no Seminário de Sobral. No ano seguinte, viajou a Roma, onde concluiu sucessivamente os cursos de bacharelado, mestrado e doutorado em Filosofia e Teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana.

A 6 de abril de 1957 foi ordenado sacerdote na Basílica de São João de Latrão, a catedral de Roma, mas continuou a residir na cidade Eterna por mais quatro anos, para elaborar suas teses de láurea.

Nesse período de onze anos contínuos de residência em Roma, em contato direto com a vida universitária e com a cultura e a arte daquela metrópole construída pelos Césares e pelos Papas, Manfredo estruturou sua inteligência, com o rigor metodológico da pesquisa científica, e moldou seu coração, com a beleza eterna dos valores do espírito.

Ao regressar ao Brasil, assumiu em 1962 a humilde função de vigário cooperador da paróquia de Santana do Acaraú, cidade natal de sua mãe e de seus ascendentes maternos, onde fez estágio de experiência pastoral.

Em seguida, passou a residir em Sobral no exercício da dupla função de diretor espiritual do Seminário e professor da então recém-criada Faculdade de Filosofia Dom José.

Com o fim de revalidar no Brasil seus estudos de filosofia feitos no estrangeiro, viajou a São Paulo, onde se matriculou em curso especial na Pontifícia Universidade Católica, tendo publicado ali sua primeira tese de doutorado.

Ao retornar da Paulicéia, fixou residência em Fortaleza, tendo sido um dos fundadores do Instituto de Ciências Religiosas e da Faculdade de Filosofia da Arquidiocese, instalada em 1973, tendo exercido também as funções de diretor de ambas as instituições.

No plano pastoral, fundou em Fortaleza o Movimento Familiar Cristão, do qual foi diretor espiritual durante muitos anos. Ainda em 1973, recebeu do Papa Paulo VI o título honorífico de "monsenhor", em reconhecimento aos valiosos serviços prestados à Igreja.

Em 1974, voltou à Europa, onde concluiu o curso de aperfeiçoamento em Teologia Moral, na Universidade Gregoriana de Roma.

Atualmente, no campo do magistério, é professor titular da Universidade Estadual do Ceará e da Faculdade de Filosofia de Fortaleza e professor adjunto da Universidade Federal do Ceará.

Amigo dos Livros, estudioso inveterado, freqüentador assíduo de bibliotecas, professor de longo tirocínio, conhecedor de muitas línguas, leitor de muitas obras da literatura universal e de periódicos especializados, Mons. Manfredo, ao chegar a esta Casa, dedicada às letras, deverá sentir-se tão à vontade como um peixe se sente dentro d'água. Aqui conosco, continuará a respirar o mesmo oxigênio, que já alimentou sua produção de obras de fôlego, e certamente sentar-se-á feliz à nossa mesa, para saborear o pão da prosa e o vinho da poesia.

Cidadão de muitas letras, deverá sentir-se nesta Academia delas, como um homem no lugar certo. Não terá dificuldades em se ambientar neste novo ambiente, que naturalmente poderá freqüentar com assiduidade porque reside em Fortaleza, condição esta que a mim, infelizmente, não me é dado possuí-la.

Prezado Mons. Manfredo:

Permita-me que neste momento solene eu lhe transfira a pergunta que Agostinho, na Carta 118, nº 3, dirigiu a Diáscoro –

homem de muito saber mas que pouco escrevia – aplicando a este, com fina ironia, um versinho satírico do poeta Pérsio: *Sciro tuum nihil est, nisi te scire hoc sciat alter?* Isto é: “Será que teu saber consiste apenas em que os outros saibam que tu sabes?”.

O Santo Doutor estimulava, assim, aquele seu letrado correspondente a escrever e a tornar público o conteúdo de seus conhecimentos, para que os outros o aprendessem também, pois a cultura, mesmo individual, é patrimônio de todos.

Minhas senhoras, meus senhores:

O novo acadêmico concluiu em Roma oito cursos universitários, a saber: Bacharelado e Licença em Filosofia (1950-52); Mestrado em Filosofia (1952-53); Bacharelado e Licença em Teologia (1954-1957); Mestrado em Teologia (1955-57); Doutorado em Teologia (1958-61); Especialização em Teologia Moral (1974-76); Doutorado em Filosofia (1977-82) e Ph.D. em Filosofia Ético-Política (1995-96).

Somando-se todos esses cursos, sucessivos ou simultâneos, chegamos à conclusão de que Mons. Manfredo estudou em Roma durante vinte anos completos. Tempo muito pouco para se assimilar a cultura de uma cidade Eterna, porém o mais suficiente para impregnar um homem todo dos valores de uma civilização, que é considerada a mais elevada jamais alcançada pelo espírito humano.

Segundo uma canção popular italiana, em Roma, até no Trastevere, “*il vento passa dentro e si profuma*”. Se assim é, nosso neo-sócio ingressa nesta Casa perfumando com o estrato mais fino e delicado da cultura ocidental e das gestas mais gloriosas oriundas da civilização centrada no Mediterrâneo.

Na Carta nº 36, dirigida ao “compresbítero” Casulano, o Bispo de Hipona refuta um tratado sobre o costume do jejum, escrito por um cidadão de nome Úrbico, assim chamado porque vive em Roma, a Urbe por excelência. Agostinho se admira de como é possível que um “úrbico”, isto é, romano, afirme que um cristão não possa jejuar aos domingos, pois tal proibição é desmentida pelo exemplo do próprio Cristo que, tendo jejuado no deserto durante quarenta dias, somente nesse curto período de tempo jejuou se-

guramente pelo menos cinco domingos seguidos. Tal opinião, pensa Agostinho, de tão fósmea não poderia caber na cabeça de "Úrbico", pois fere a dignidade da inteligência da gente romana.

O bispo Optato (Carta 190) chama "úrbico" ao Papa Zeferino e São Paulino (Carta 27), ao Papa Sirício, não somente porque ambos os pontífices nasceram na Urbe, mas também porque o primeiro fez vir a Roma o grande Orígenes, o maior fenômeno intelectual da Igreja do Oriente, e o segundo, porque foi durante o seu pontificado que Agostinho se converteu ao catolicismo romano.

Pelos longos vinte anos vividos na urbe, pelos oito cursos concluídos na Gregoriana, pelas inúmeras aulas que lhe foram dadas totalmente em latim, pela ordenação sacerdotal recebida na Basílica de Latrão, por ser o maior especialista brasileiro na obra de Agostinho e pela fidelidade constante ao Magistério da Igreja, Manfredo é sem dúvida o mais "Úrbico" dos homens de letras do Brasil.

Como Roma foi durante séculos a Capital do Mundo, historicamente a Urbe sempre esteve ligada ao Orbe. Como bom "úrbico", Manfredo não poderia deixar de ter também sua dimensão universal. Além de conhecer muitos países da Europa e das Américas, ele participou ativamente de vários congressos no estrangeiro.

Em 1985 tomou parte de um simpósio pela OALA – *Organización de los Agustínianos Latino-americanos*, de Lima, Peru, onde pronunciou conferência sobre "La Idea Del Estado em San Agustín a la luz de su Epistolário", publicado nos anais desse evento, cujo tema foi "*San Agustín e la Liberación*".

Em 1992, em Ottawa, Canadá, participou do Congresso da SIEPM – "*Société Internationale pour l'Étude de la Philosophie Medieval*".

Em 1996 participou do Congresso Latino-Americano da Sociedade Brasileira de Teologia Moral, quando apresentou uma conferência sobre "*A Doutrina Agostiniana sobre Ética e Direito*".

Em 1997 esteve presente a um outro congresso da citada *Société Internationale pour l'Étude de la Philosophie Medieval* na cidade de Erfurt, Alemanha, quando fez uma comunicação sobre "*A Lei Temporal em Santo Agostinho*".

Voltando ao âmbito nacional, o recipiendário é sócio fundador da Academia de Ciências Sociais do Ceará e da Sociedade Brasileira de Teologia Moral, da qual também foi presidente. É membro efetivo da SOTER – Sociedade Brasileira de Teologia e Ciências da Religião e da OSIB – Organização dos Seminários e Institutos Filosófico-teológicos do Brasil.

Minhas senhoras, meus senhores:

Por temer que o acúmulo desses dados circulares possa ter deixado encoberta a pessoa simples e humilde que é Mons. Manfredo, não poderei terminar sem ressaltar algumas de suas virtudes humanas que desde muito tempo, conheço e admiro.

Primeiramente, o homem sensível aos laços familiares. Filho afetuoso e dedicado para com seus pais, entre os quais sempre houve sentimentos recíprocos de amor e respeito. O filho orgulhoso do pai e da mãe que teve, e os pais vaidosos dos êxitos do filho bom que criaram.

Irmão amigo dos outros irmãos e delícia dos sobrinhos. Colega leal e prestativo. Cidadão honesto e sacerdote íntegro. Tímido por natureza, mas corajoso ao tomar iniciativas ousadas no campo da educação e da pastoral universitária. E o que é mais admirável, portador daquela sabedoria cristã que consegue distribuir na vida cotidiana o tempo da ação e o tempo da oração. Sua vida tem sido, em serviço contínuo a Deus e ao próximo.

Meu prezado Mons. Manfredo:

Esta Academia Cearense de Letras abre-lhe as portas feliz por acolhê-lo e espera também que você se sinta feliz ao ser recebido por todos nós. Esta Casa, a partir de hoje, é também sua, por isso não receie trazer, para dentro dela, não só o cabedal de sua cultura humana, mas também o testemunho sacerdotal de sua fé em Deus, a Quem seu mestre e consacerdote Agostinho fazia destinatário das palavras mais bonitas que brotavam de seu coração, tais como estas que, há quinze séculos, comovem a humanidade: *“Tarde te amei, Beleza sempre antiga e sempre nova. Tarde te amei. Tu*

estavas em mim e eu te procurava fora de mim. Naquelas mesmas coisas, que tu criastes para que eu nelas te achasse, meu coração maluco encontrava motivo para me desviar de ti. Tu estavas sempre comigo, mesmo quando eu não estava contigo."

E agora, como eu não sei como concluir, socorro-me do gênio de Agostinho para dar o arremate final a este pobre discurso de saudação.

Que minhas últimas palavras sejam as mesmas com que ele concluiu a derradeira carta do seu epistolário, dirigida a um amigo de nome Darío, que ele chama de filho e membro de Cristo. *"Repndat tibi Dominus, et hic et in futuro saeculo, bona quae talibus qualem te esse voluit praeparavit"*.

E como vou terminar, atrevo-me a traduzir: *"Deus te conceda, neste mundo e no futuro, os bens que preparou para aqueles que serão como quis que tu fosses"*. Seja bem-vindo, acadêmico Manfredo.